

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Curso de Psicologia

Fabiana Keila Toribio Colla

CAM: da Maldição à Redenção
Escrevivências de uma vida entre raças

Porto Alegre
2022

Fabiana Keila Toribio Colla

CAM: da Maldição à Redenção
Escrevivências de uma vida entre raças

Trabalho de Conclusão de Curso como
requisito parcial à obtenção do título de
Psicóloga no Curso de Graduação em
Psicologia do Instituto de Psicologia da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Orientadora: Dra. Raquel da Silva Silveira
Comentadora: Dra. Luciana Rodrigues

Porto Alegre
2022

Resumo

As famílias inter-raciais são uma realidade na sociedade brasileira, estando inscritas num projeto de política pública de branqueamento da nação. Aliado a isso, os discursos religiosos cristãos também se inscrevem nos processos de dominação simbólica racista, uma vez que são eurocentrados, enaltecem a imagem de um Jesus Cristo branco e exigem a anulação dos corpos durante os cultos, assim como dos tambores. Desta forma, o racismo opera desde a constituição das famílias, que no Brasil tem forte vertente religiosa cristã, e, frequentemente, reproduzem práticas racistas. O objetivo deste trabalho é discutir, de forma autobiográfica, os efeitos do discurso religioso adventista na produção de subjetividade das famílias evangélicas. O referencial teórico é uma articulação entre as teorias críticas da psicologia social e institucional, das discussões das relações raciais, em especial das políticas de branqueamento e dos estudos da branquitude, além de estudos críticos sobre os discursos evangélicos. A metodologia é inspirada nas escrituras de Conceição Evaristo, por isso, escritas em primeira pessoa do singular. Assim, relato algumas de minhas vivências como uma pessoa pertencente a uma família inter-racial e evangélica. O texto analisa a origem e a interpretação do mito bíblico de Cam e de como o quadro de Modesto Brocos produzido para representar o branqueamento no Brasil, *A Redenção de Cam*, pôde ser ressignificado por leituras críticas do movimento negro. Neste trabalho, proponho pensar os impactos e o respaldo religioso cristão na produção do sofrimento mental imposto a negros e negras. Um mapa-múndi, o *Terrarum Orbis*, foi elaborado pelo bispo católico Isidoro de Sevilha, para justificar a escravização dos povos de África e a pretensa superioridade dos europeus. Estudos sobre famílias inter-raciais no Brasil ainda se apresentam de forma tímida. Há uma necessidade de que esse tema seja abordado de forma mais sistemática, principalmente na atuação da psicóloga e do psicólogo. Afinal, se segundo o censo de 2010, 31% dos casamentos brasileiros eram inter-raciais, o racismo no interior das famílias não pode ser desconsiderado.

Palavras-chave: Racismo; Famílias Inter-raciais, Branqueamento; Religiosidade Cristã; *A Redenção de Cam*.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 - Meu lugar de fala ou uma Introdução..... | 4 |
| 2 - Minha origem inter-racial e as razões para uma escrevivência..... | 6 |
| 3 - O hino Alvo Mais que Neve e a Ideologia do Branqueamento no Brasil.. | 9 |
| 4 - Como o racismo religioso afeta as subjetividades..... | 12 |
| 5 - Do Mito de Cam à Tela A Redenção de Cam..... | 15 |
| Reflexões Finais..... | 21 |
| Referências..... | 24 |

1 - Meu lugar de fala ou uma Introdução

Escrever o trabalho de conclusão para finalizar o curso de Psicologia significou perceber que ele teve início muito antes dessas primeiras palavras. Seu início não se deu aqui e agora. Remonto a construção desse trabalho às aulas de Psicologia Social II, quando nos foram apresentadas as relações raciais e os privilégios da branquitude. A branquitude é uma construção sócio-histórica gerada a partir da ideia enganosa de superioridade racial branca. Dessa ideia resultam sociedades estruturadas no racismo, onde sujeitos brancos obtêm privilégios simbólicos e materiais em comparação a sujeitos não brancos (Schucman, 2012).

Até esse momento, no longínquo segundo semestre do curso, não havia parado para pensar sobre os privilégios que desfrutei ao longo de minha vida. Nem ao menos me considerava branca, pois, sendo filha de uma mãe negra e de um homem branco, considerava-me algo entre o branco e o negro, “parda clara”, “morena” ou qualquer outra denominação não branca. Segundo Sueli Carneiro (2004), um aspecto do racismo é o aprisionamento do outro em imagens fixas e estereotipadas. Ao mesmo tempo, retém para os racialmente hegemônicos o privilégio de serem representados em sua diversidade. Enquanto negros são tidos como todos iguais, a branquitude é representada em toda a sua diversidade.

Muitas vezes fui heteroidentificada como um corpo racializado, distante dos padrões do sujeito “branco universal”. Não raras vezes alguém me perguntava: - você é “mestiça”¹? Ou - Keila (meu segundo nome) é seu nome japonês²? Ao passo que eu apenas respondia que não, deixando meu interlocutor sem graça. Por que meu interlocutor ficava sem graça? Seria talvez por perceber que minha origem não era nipônica e sim negra? Negra, essa palavra impronunciável, sobretudo em um estado sulista e racista como o Paraná. Por que alguém chamaria outra pessoa de negra se não fosse para ofendê-la? Daí surgem vários outros adjetivos com a intenção de elogiar/não ofender, como por exemplo, moreninha, exótica, bronzeada, entre outros.

Desse lugar não branco ouço as primeiras aulas sobre relações raciais e passo a me questionar de forma até ingênua como nunca antes havia pensado ou prestado mais atenção sobre os efeitos do racismo nos corpos pretos e também nos corpos brancos. Eu, que sempre ouvi que se houvesse esforço suficiente a pessoa poderia chegar a qualquer lugar, agora me

¹ Mestiço, no interior do Paraná, é a denominação dada a alguém cujos pais são compostos por um descendente de japonês e por outro que não tenha essa ascendência.

² Geralmente os descendentes de japoneses usam nomes compostos, onde o primeiro nome é brasileiro e o segundo nome é de origem japonesa, como por exemplo, Teresa Leiko Matsumoto. Leiko é o nome japonês e é o nome pelo qual a família utiliza, enquanto que em outras instituições, como a escola, por exemplo, a pessoa é chamada pelo primeiro nome.

deparo com conceitos que falavam de privilégio branco (Schuman, 2012). A partir daí, passo a questionar a ideia de meritocracia e a tentar entender onde eu me encaixava nesse jogo de poderes, opressões e privilégios.

Ao compartilhar minha história, o faço não por vaidade, mas, como menciona Alisson Ferreira Batista (2016), muito do que falamos, pensamos e fazemos tem a ver com nossa trajetória e percurso. Lia Vainer Schucman e Mônica Mendes Gonçalves (2017) afirmam que, segundo o censo de 2010, 31% dos casamentos brasileiros eram inter-raciais, o que significa que quase um terço das uniões do Brasil acontece entre pessoas que se reconhecem como sendo de raças diferentes. Dessa forma, contar algumas de minhas vivências a partir do meu lugar, de dentro de uma família inter-racial é também contar a vivência de muitas outras pessoas. Neste trabalho de conclusão de curso quero contar histórias e refletir sobre elas, olhá-las com um olhar psi. Algumas dessas histórias foram vivenciadas por mim e há muito tempo estavam adormecidas na memória, outras são histórias da História contada por homens brancos, histórias lidas em artigos científicos, assistida em vídeos e também histórias que foram impostas aos nossos ouvidos desde que nascemos. Convido a leitora e o leitor a essa modesta viagem por estas histórias.

2 - Minha origem inter-racial e as razões para uma escrevivência

Sou filha de dona Aglair, uma mulher negra não retinta, e de seu Oscar, um homem branco. Poderia me deter descrevendo meus pais, mas quero pular uma geração e falar de meus avós maternos.

Minha avó materna, dona Angelina, nasceu no ano de 1922, no estado de São Paulo. Seus pais, nascidos na Itália, vieram ainda crianças para o Brasil, com suas respectivas famílias, em busca de uma vida melhor, incentivados por uma política do Estado brasileiro de embranquecimento deste país. Aos dezesseis anos, minha avó casa-se com Lourenço Francisco Rodrigues. Nascido no ano de 1916, apenas 28 anos após a abolição da escravatura no Brasil, meu avô, um homem negro retinto, não frequentou a escola e não foi alfabetizado. Alguns de seus irmãos mais jovens e de pele um pouco mais clara puderam se alfabetizar, alternando o turno da escola com o trabalho na lavoura.

Meu avô era filho de Joaquim Francisco Rodrigues e de Maria Inácia Vespasiano, casados na Igreja Católica Apostólica Romana. Não sei dizer quantos filhos e filhas tiveram, mas um fato interessante é que todos os filhos homens tinham Francisco como segundo nome. Isso me faz questionar se a escolha por esse nome era uma preferência de meus bisavós, um erro de cartório ou se o senhor de seus antepassados se chamava Francisco Rodrigues. Sobre minha bisavó, Maria Inácia Vespasiano, sei que era filha de uma mulher indígena muito valente e de um homem negro. Benzina e rezava para quem a procurasse em busca de auxílio devido a alguma enfermidade física ou espiritual. Essas histórias perderam-se no tempo e somente questionando minha mãe sobre como era sua avó paterna pude resgatá-las.

Os pais de minha avó não tinham uma situação sócio econômica melhor que a da família de meu avô. Entretanto, foram terminantemente contra esse casamento. Chegaram ao extremo de dizer que prefeririam fazer o velório da filha a consentir com aquele casamento. O motivo para a proibição: o racismo. Como poderiam aceitar um preto retinto na família? Não existiam pessoas assim na Itália e nem no Brasil, na comunidade de imigrantes em que viviam, no interior do estado de São Paulo.

Contudo, minha avó não se deixou intimidar pelos apelos de seus familiares e prometeu que fugiria com seu amor caso seus pais não consentissem com o casamento. E entre desavenças e brigas, conseguiu a permissão de seus pais para se unir a meu avô. Assim era minha avó, mulher forte, determinada desde muito jovem, com dezesseis anos enfrentou seus pais e se casou com o homem que escolheu. Dessa união, nasceram dez filhos, sete

sobreviveram e se tornaram adultos. Todos negros, uns de pele mais clara, outros de pele mais escura, nascidos de uma mãe branca de origem europeia.

E meu avô, como era? Não o conheci, pois ele morreu muitos anos antes que eu nascesse. Dele, só ouvi histórias, histórias de um homem forte, trabalhador, cuidadoso e orgulhoso de seus filhos e filhas, católico praticante, desses que vão à missa todo domingo. Gostava de dançar rancheira, valsa, baião e catira. Era um bom dançarino, ia a bailes com sua família e ensinava suas filhas e filhos a dançar.

Quando chegava em casa, tarde da noite e muitas vezes alcoolizado, ia até os quartos de seus filhos os contava para se assegurar de que não faltava nenhum. Morreu cedo, com cinquenta e quatro anos. Não sabemos ao certo o que ocasionou sua doença e morte, mas acreditamos que tenha sido por insuficiência renal, consequência da diabetes e hipertensão arterial, também presentes em seus familiares. Foram dois anos de sofrimento em que meu avô não pode trabalhar e também não tinha acesso a profissionais de saúde, pois, apesar de ter trabalhado toda sua vida, não tinha carteira de trabalho, o que impossibilitou um tratamento adequado. O sustento da casa passou a ser responsabilidade de suas filhas e de seu filho, enquanto minha avó cuidava da casa, do esposo doente e de seus filhos que eram ainda crianças.

Após a morte de meu avô, minha avó se converteu a uma igreja pentecostal, a Congregação Cristã no Brasil (CCB) e suas filhas e filhos foram influenciados pela nova fé da matriarca. Os bailes, as danças e músicas “mundanas” foram pouco a pouco deixadas de lado, pois esses momentos de diversão, segundo a visão de minha avó, não agradavam a Deus e deveriam ficar no passado, as músicas que outrora faziam as suas meninas dançarem foram dando lugar a cânticos de louvor a Deus. Quatro de suas cinco filhas (incluindo minha mãe), mais tarde, converteram-se à Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), uma das filhas passou a seguir a CCB, um filho, após se casar, se converteu à Assembleia de Deus. O filho caçula permanece no “mundo” até os dias atuais.



Figura 1: Angelina e Lourenço em seu casamento

Fonte: Arquivo Pessoal

Desta história sou feita e por essa ancestralidade me encontro com a escrevivência de Conceição Evaristo (2006) reunindo corpo, condição e experiência que materializam as minhas marcas. Assim penso e caminho com elas. Segundo Maria de Lourdes Rossi Remenche e Juliano Sippel (2019), os exercícios de memória compõem nossas vivências e perfazem nossas lembranças pessoais e coletivas. Fazer esses exercícios de resgate nos ajuda a compreender a nós mesmos e os diferentes contextos em que estamos inseridos. Por esse motivo enuncio minha origem e conto de onde falo. Ao conceber a materialidade da linguagem como tecido da memória a consideramos instável, móvel, reorganizável. Dessa forma, podemos remodelar a cada acontecimento que permeia e desloca esse tecido, fazendo com que nos entrelacemos em novos espaços. Desse entrelaçamento surgem novos dizeres que produzem efeitos de sentido, percorrem/permeiam diferentes formações discursivas e interpelam novas posições-sujeito (Remenche, Sippel, 2019). Lisandra Vieira Soares e Paula Sandrine Machado (2017) afirmam que a escrevivência carrega uma dimensão ética ao proporcionar que quem escreve assume o lugar de enunciação de um coletivo, de alguém que evoca, por meio de suas próprias narrativas e voz, a história de um nós compartilhado.

3 - O hino Alvo Mais que Neve e a Ideologia do Branqueamento no Brasil

Eu não sofri nada além do que a maioria de homens e mulheres negras sofrem todos os dias. A nossa cor incomoda, a nossa crença, a nossa experiência religiosa é uma experiência que incomoda o outro. (Kleber Lucas, 2021)³

Ao ser entrevistado no X Congresso de Letras Clássicas e Orientais da UERJ, no dia 10/08/2021⁴, Kleber Lucas narra como foi idealizada sua dissertação de mestrado, intitulada de O Canto Forasteiro - o hinário batista Cantor Cristão e questões de racialidade no Brasil do século XIX e XX.

Tudo começa quando, em 2017, ele, que é um conhecido cantor evangélico, é convidado a participar da entrega de uma oferta de aproximadamente doze mil reais a um terreiro de Candomblé, na cidade de Caxias-RJ. O convite partiu de um pastor evangélico que, juntamente com seus seguidores, arrecadou essa quantia destinada à reconstrução do terreiro. Esse terreiro foi destruído no ano de 2012 por pessoas ligadas ao crime e que acreditavam que naquela espacialidade não deveria existir religiões de matriz africana, apenas igrejas evangélicas.

Kleber Lucas aceitou o convite e em companhia de outros pastores e pastoras que também desaprovam o aviltamento de locais sagrados e defendem o Estado laico e liberdade de culto, fez a entrega da oferta à mãe de santo do terreiro em questão. Era uma manhã de quarta-feira e a experiência de ecumenismo foi muito bonita e edificante. Estavam presentes naquela ocasião cerca de trinta líderes evangélicos das variadas vertentes.

Entretanto, a repercussão desse ato no meio evangélico foi muito negativa. Apesar de haver muitos pastores presente no ato de doação, os holofotes se voltaram apenas para o Kleber, um homem negro retinto. Os comentários a seu respeito eram que ele havia se “desviado”, que não era mais pastor, tomava banho de pipoca e era amigo de macumbeiros. Alguns chegaram ao extremo de chamá-lo de “preto safado que merecia morrer”. O espantoso é que isso tudo partiu de professos seguidores do evangelho de Cristo, mas que também acreditavam que o cantor e pastor Kleber Lucas era patrimônio deles.

Do dia para a noite, eu, que tinha uma estrada de vinte e poucos anos, quase trinta anos desse universo conhecido; vendi mais de cinco milhões de cds (...) eu me tornei um

³ Kleber Lucas é cantor e pastor batista, doutorando em História Comparada pela UFRJ. O Trecho supracitado é extraído da entrevista de lançamento de seu livro *O Canto forasteiro*, resultado de sua dissertação de mestrado. Encontrado em: <https://www.youtube.com/watch?v=j8j74D73keg&t=15s>

⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=j8j74D73keg&t=4s>

*crente safado, um preto safado que tinha que morrer, que era amigo de macumbeiro.*⁵ A partir desse momento, ele percebe que o que ocorreu foi reflexo de algo muito anterior e que estava arraigado na sociedade brasileira. Sentiu a necessidade de dar uma resposta a seus críticos, mas como ele mesmo diz, precisaria responder de uma outra maneira e estabelecer diálogo, muito mais do que no calor de uma resposta emocional (LUCAS, 2021).

Levando em conta o cenário em que os primeiros batistas chegam ao Brasil do século XIX e como seu hinário⁶ foi constituído, temos que nos atentar às mensagens racistas presentes em suas letras, em especial no hino Alvo Mais que a Neve:

| | |
|--|--|
| <p style="text-align: center;"><i>Alvo Mais que a Neve</i>⁷ <i>Blessed Be the Fountain</i> <i>Éden Reeder Latta (1839 - ?)</i> <i>Henry Southwick Perkin (1833 - 1914)</i></p> <p><i>1 Seja bendito o Cordeiro</i> <i>Que na cruz por nós padeceu!</i> <i>Seja bendito Seu sangue</i> <i>Que por nós pecadores verteu!</i> <i>Eis-nos no sangue lavados,</i> <i>Com roupas que tão alvas são,</i> <i>Nós, pecadores remidos,</i> <i>Que de Deus recebemos o perdão.</i></p> <p><i>CORO: Alvo mais que a neve!</i> <i>Alvo mais que a neve!</i> <i>Sim, nesse sangue lavado,</i> <i>Mais alvo que a neve serei</i></p> | <p><i>2 Quão espinhosa a coroa</i> <i>Que Jesus por nós suportou!</i> <i>Oh! Quão profundas as chagas</i> <i>Que nos provam o quanto Ele amou!</i> <i>Há nessas chagas pureza</i> <i>Para o mais torpe pecador!</i> <i>Pois que mais alvos que a neve</i> <i>O teu sangue nos torna, Senhor.</i></p> <p><i>3 Se nós a Ti confessarmos,</i> <i>E seguirmos na Tua luz,</i> <i>Tu não somente perdoas,</i> <i>Purificas também, ó Jesus;</i> <i>Sim, e de todo o pecado!</i> <i>Que maravilha desse amor!</i> <i>Pois que mais alvos que a neve</i> <i>O Teu sangue nos torna, Senhor.</i></p> |
|--|--|

Frantz Fanon (1980) expõe a respeito do medo que o europeu sentia ao se deparar com o africano. O africano simbolizava a primitividade, a sexualização dos corpos, tudo aquilo que o europeu “civilizado” negava. Além disso, viam o negro como a gênese do mal, dada a sua cor, escura como a noite, onde os perigos mais “sombrios” estão à espreita.

Os estadunidenses, principalmente aqueles advindos do sul agrário e escravocrata, pensavam de modo semelhante ao europeu. Viam os escravizados apenas como forma de construir fortunas. Fortunas provenientes da mão de obra de pessoas escravizadas.

Segundo Lucas (2021), os primeiros cristãos batistas que chegam ao Brasil do século XIX são advindos do sul agrário e escravocrata. Estão insatisfeitos com o resultado da guerra

⁵ Fala extraída da entrevista de lançamento do livro *O Canto Forasteiro - o hinário batista Cantor Cristão e questões de racialidades no Brasil do século XIX e XX*, disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=j8j74D73keg&t=4s>

⁶ O hinário batista tem em comum com o hinário adventista o hino Alvo mais que a neve, entre outros.

⁷ Hinário Adventista, hino número 205, p.155.

civil norte-americana, pois perderam suas terras e seus escravizados. Chegam ao Brasil Império e veem a oportunidade de reconquistar seus bens, inclusive, trocam correspondências com seus compatriotas dizendo que o Brasil é uma terra de oportunidades, que podem ter seus “escravos” e que não precisam se envolver com política. A mensagem batista chega ao Brasil não é apenas a mensagem de Jesus, mas é também uma visão de mundo supremacista branca e elitista.

Com o fim da escravização no Brasil, esses batistas procuram absorver os ex-escravizados em sua mensagem. Ensinam a eles sobre uma verdade que não aceita a experiência afrodiáspórica como legítima. Mais uma vez, o corpo negro precisa ser contido, controlado, domesticado. Poderiam participar dos corais, mas com seus corpos inertes para louvar a um deus branco.

A única condição de ascensão em um coral, por exemplo, é reproduzir e estar alinhado ao doutrinamento imposto pelo estrangeiro. Negros e negras podem estar presentes nos corais, mas existe um protocolo: corpos inertes. Essa também é uma forma de invisibilizar negros e negras nesses ambientes históricos. Ao transformar os corpos negros em corpos inertes, fica invisibilizada uma experiência religiosa que é extremamente corpórea. Mas para a doutrinação, o que importa são as mentes, os corpos são do pecado.

Esse cristão negro redivivo teria, com isso, uma fala controlada e moldada pelos critérios do Deus branco, um andar adequado, roupas adequadas a um cristão. Ele deveria falar como branco, comer como branco e era devolvido para a sociedade como alguém que era um exemplo de cristão e que outros deveriam seguir. (...) É perceptível como que esta proposta dos batistas se alinhava com o projeto do Brasil do Futuro, segundo Lacerda, citado por Schwarcz de que o Brasil teria seu embranquecimento em 100 anos (LUCAS, 2021, P. 133).

Assim, as melodias se tornavam uma forma de evangelizar, já que pouquíssimas pessoas eram alfabetizadas, mas poderiam decorar e cantar as mensagens repletas de questões raciais. Objetivavam transformar negros e mestiços, vistos como perdidos, à imagem e semelhança de um Cristo ideal branco. Esses seres, vistos como irremediavelmente incontroláveis, recebiam um doutrinamento branco, tornando-os mais alvos que a neve.

4 - Como o racismo religioso afeta as subjetividades

Era uma bela manhã de sábado. Para a maioria dos adventistas do sétimo dia, o sábado é o dia mais esperado da semana. Não apenas porque a correria semanal se finda, mas por ser o dia em que se acredita que o próprio Deus, ao findar sua criação, descansou de sua obra, abençoando-o e o santificando. Além disso, esse dia é guardado em lembrança à redenção, pois Cristo, ao morrer na cruz em uma sexta-feira, descansou em seu túmulo no dia de sábado, para somente no domingo ressuscitar.

A igreja estava lotada. Inicia-se a Escola Sabatina. O dirigente é um jovem negro, com uma voz bastante grave. Sua roupa, um terno muito bem cortado, e sapatos estão cuidadosamente alinhados. Ele saúda os irmãos. Pode-se dizer que aquele rapaz tem o dom da oratória. Convida a congregação a cantar o hino “Do Santo Sábado Tu És Senhor”(Douglas Albert Raoul Aufranc, 1892-1979)⁸ e, em seguida, é feita a oração inicial.

Na sequência, ele continua a discorrer sobre as maravilhas que serão encontradas no céu, das ruas de ouro, da árvore da vida que finalmente poderemos comer o fruto que nos foi negado desde que nossos primeiros pais foram expulsos do Éden por terem pecado contra Deus. Mas nesse dia tudo seria maravilhoso e Cristo receberia seus filhos resgatados deste mundo de pecados. Fala, ainda, que ele, loiro e de olhos azuis, receberia o fruto das mãos do próprio Cristo.

De repente, parece que toda a mensagem anterior se perde e a congregação ri. Fiquei constrangida e imaginando por que a igreja ria. Aquela fala não soou engraçada para mim, era muito incômoda. Ouço uma moça, que estava sentada em um banco à frente do meu, comentar: isso caiu no vestibular, o racismo dos negros contra eles próprios.

Lembrei-me de um filme⁹ que havia assistido há tempos em que uma menina europeia perguntava a um homem negro porque Deus o havia pintado. Ele responde que Alá gostava de diversidade. Naquele momento pensei: o deus adventista parece não gostar de diversidade! Que chato seria um paraíso onde todos os seres humanos seriam brancos, como o próprio Cristo o é¹⁰.

⁸ Hinário Adventista, 531. Título original: Far From All Care

⁹ Robin Hood - O Príncipe dos Ladrões, 1991.(Reynolds, Kevin,1991)

¹⁰ Ellen White (1901), O Arauto do Evangelho, 01 de março de 1901, parágrafo 20. Acessado em <https://m.egwwritings.org/en/book/503.228#250>

Isildinha Baptista Nogueira (2017) afirma que mesmo estando consciente de sua condição e das implicações histórico-políticas do racismo, ainda assim, a pessoa negra é afetada pelas marcas que a realidade sociocultural do racismo deixou em sua psique.

Para a psicanálise, ocorre uma identificação do negro com seu agressor, passando, assim, a se autorrejeitar. Fica a pergunta: se o que constitui o sujeito é o olhar do outro, como fica o negro que constata no olhar do outro o significante que a pele negra traz? Resta ao negro apenas o desejo de recusar esse significante, negando a si próprio e ao próprio corpo (Nogueira, 2017).

A autora segue afirmando:

Ser branco, afinal, significa uma condição genérica: ser branco constitui o elemento não marcado, o neutro da humanidade. Nasce, em nós, portanto, o desejo de 'brancura'. (...) A ideologia racial, portanto, se funda e se estrutura na condição universal e essencial da brancura como única via possível de acesso ao mundo (NOGUEIRA, 2017, P.123).

No caso do rapaz de nossa história, podemos afirmar que para ele, o que resta é a salvação em outra vida, naquele lugar onde não haverá nenhuma nuance de cor que não seja a de Jesus. Nessa terra, resta apenas sonhar com a salvação e seguir resiliente às agruras causadas pelo racismo. Infelizmente, em pleno século XXI, muitos discursos religiosos cristãos ainda alimentam a ideia do sujeito branco universal e não problematizam a figura de um Jesus branco, com traços europeus. Mesmo que afirmem não fazer acepção de pessoas, muitas denominações religiosas cristãs conservadoras enunciam, de forma explícita ou velada, uma teologia medieval e racista.

Segundo a fé adventista, o destino das pessoas no juízo final, de modo simplificado, seriam dois: a salvação ou a perdição eternas. Os fiéis que por ocasião do retorno de Jesus estivessem vivos seriam levados para o céu. Os corpos dos fiéis que estivessem mortos seriam ressuscitados e também ascenderiam ao céu. Durante mil anos os salvos analisariam os atos dos perdidos e confirmariam que Deus é justo.

O destino dos ímpios seria outro. Os que estivessem vivos morreriam instantaneamente na segunda vinda de Cristo e os mortos não ressuscitariam. Após os mil anos no céu, Cristo e os salvos desceriam à Terra com a cidade santa. Então Cristo ressuscitaria todos os ímpios, desceria fogo¹¹ dos céus e consumiria a todos, não restando nem mesmo a lembrança deles.

¹¹ Segundo a crença adventista, o fogo não seria eterno, apenas suas consequências seriam eternas, pois os não salvos seriam destruídos.

Entretanto, sobre pessoas escravizadas, Ellen G. White¹² escreveu o seguinte:

*Deus não pode levar para o Céu o escravo que tem sido conservado em ignorância e degradação, nada sabendo de Deus ou da Bíblia, nada temendo senão o açoite do seu senhor, e conservando-se em posição mais baixa que a dos animais. Mas Deus faz por ele o melhor que um Deus compassivo pode fazer. Permite-lhe ser como se nunca tivesse existido (...)*¹³

Contudo, segundo defensores do dom profético de Ellen White, essa citação seria referente apenas a um restrito número de escravizados, justamente aqueles que mais sofreram, sendo afirmado que estas pessoas não teriam capacidade de dizer sim a Jesus¹⁴.

Fico imaginando se haveria entre meus antepassados, raptados da África e escravizados ou mesmo os que nasceram neste país, estariam alguns que, segundo White (1988), não poderiam ser levados ao céu. Não posso conceber que algum ser humano possa ser considerado como um animal e que em pleno século XXI ainda há quem defenda essa teologia perversa.

¹² Ellen G. White (1827-1915), além de ser uma das fundadoras da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), é sua profetiza e seus escritos são considerados complementos à Bíblia, não podendo ser negados pelos membros da IASD.

¹³ White, Ellen, G. (1988). Primeiros Escritos. Encontrado em: <https://ellenwhite.cpb.com.br/livro/index/27/273/276/os-pecados-de-babilonia#>

¹⁴ Vídeo encontrado em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZcERzIBWUFY>

5 - Do Mito de Cam à Tela A Redenção de Cam

*Sendo Noé lavrador, passou a plantar uma vinha.
Bebendo do vinho, embriagou-se e se pôs nu dentro de sua tenda.
Cam, pai de Canaã, vendo a nudez do pai, fê-lo saber, fora, a seus
dois irmãos.*

*Então, Sem e Jafé tomaram uma capa, puseram-na sobre os
próprios ombros de ambos e, andando de costas, rostos desviados,
cobriram a nudez do pai, sem que a vissem.*

*Despertando Noé do seu vinho, soube o que lhe fizera o filho mais
moço e disse:*

*Maldito seja Canaã;
seja servo dos servos
a seus irmãos.*

E ajuntou:

*Bendito seja o SENHOR
Deus de Sem;
e Canaã lhe seja servo.
Engrandeça Deus a Jafé, e habite ele nas tendas de Sem;
e Canaã lhe seja servo (Gênesis 9:20-27)¹⁵.*

A partir desta narrativa bíblica, muitos cristãos, ainda nos dias atuais, crêem que a África e seus habitantes foram amaldiçoados. No ano de 2011, um deputado federal que também é pastor evangélico publicou o seguinte em seu Twitter: “Africanos descendem de um ancestral amaldiçoado por Noé. Isso é fato. O motivo da maldição é polêmica. Não sejam irresponsáveis twitters rsss”. Esse tweet pode ser acessado no Portal de Notícias UOL que afirma que, após conversar com a assessoria do deputado, a mensagem foi apagada, mas o pastor rebateu dizendo: “sobre o continente africano repousa a maldição do paganismo, ocultismo, misérias, doenças oriundas de lá: ebola, Aids. Fome...¹⁶”.

Esses posicionamentos absurdos e preconceituosos não encontram amparo nos textos bíblicos, pois não há evidências na lenda bíblica de que os descendentes de Cam sejam negros ou mesmo que eles foram para a África. Segundo André Leonardo Chevitarese (2021), apenas no século VII, Isidoro de Sevilha (560-636), ao observar a expansão islâmica pelo norte da África, irá ressignificar o mito de Cam¹⁷. Essa interpretação feita por Isidoro de Sevilha ficará adormecida até o século XVI, quando os europeus, olhando para um novo continente por eles invadido, a América, decidem raptar pessoas da África, escravizá-las e trazê-las para o Brasil.

¹⁵ Bíblia Sagrada, traduzida por João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada, Sociedade Bíblica do Brasil, Barueri, SP. Copyright desta tradução, 1988,1993.

¹⁶ Encontrado em

<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2011/03/31/deputado-federal-diz-no-twitter-que-africanos-descendem-de-ancestral-amaldicoado.htm?cmpid=copiaecola>

¹⁷ André Leonardo Chevitarese, vídeo acessado em <https://www.youtube.com/watch?v=baL8sO-ILhk&t=1047s>, 8 minutos e 13 segundos

Do ponto de vista religioso, os africanos que chegavam ao Brasil estariam vivendo um processo de purificação de suas almas, uma vez foram amaldiçoados a serem servos, mas teriam a oportunidade de se converterem ao evangelho salvífico. Segundo Isnara Pereira Ivo e José Robson Gomes de Jesus (2019), os exegetas católicos medievais elaboraram as justificações para a escravização dos povos negros africanos se valendo da *Etimologiae* e do *Terrarium Orbis*, ambos de autoria de Santo Isidoro de Sevilha.

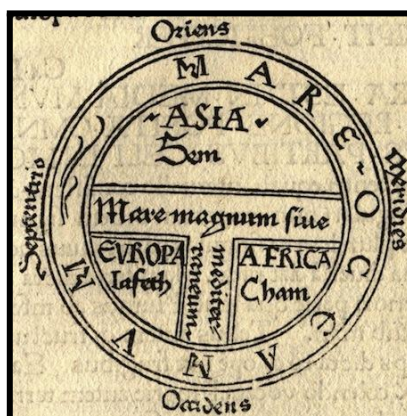


Figura 2: Terrarum Orbis. Fonte: Henderson, John. *The Medieval World of Isidore of Seville: Truth from Words*. Cambridge, Cambridge University Press, 2007

A figura acima seria a tentativa de fazer o mapa mundi a partir do mito da maldição de Cam, onde os descendentes de Noé tomariam posse do mundo. Os descendentes do filho Sem estariam distribuídos na Ásia, dando origem a denominação semita. Os descendentes de Jafé herdariam a Europa, pois segundo os exegetas bíblicos (Idade Média) o nome Jafé significa claro, reluzente. Por fim, os descendentes de Cam (Ham = escuro) ficariam na África e seriam servos de servos de seus irmãos.

Em 1895, Modesto Brocos apresenta a tela *A Redenção de Cam*, conforme a figura abaixo:



Figura 3: A Redenção de Cam (1895) - Autor: Modesto Brocos / Óleo sobre Tela, 199 cm x 166 cm / Fonte: Museu Nacional de Belas Artes

Como já disse anteriormente, as primeiras aulas da disciplina de Psicologia Social II me impactaram profundamente. A imagem acima, a tela *A Redenção de Cam*, de Modesto Brocos, foi-nos mostrada em uma dessas aulas. Aprendemos, entre outras coisas, que a tela foi usada como forma de representar o projeto eugenista de branqueamento do povo brasileiro.

Isso reverberou de forma muito intensa em mim, pois enxerguei naquela figura, não apenas um projeto de nação de forma abstrata, mas a minha história familiar. Ao trocar a figura da mulher negra por de um homem negro, estava descrita a trajetória de minha família no Brasil.

Lorraine Pinheiro Mendes (2021) nos convida a ler essa tela como se fosse um livro ocidental: da esquerda para a direita e de cima para baixo. A partir desse convite descrevo a tela, baseada na interpretação dessa autora: à esquerda vemos uma palmeira que pode também ser interpretada como uma dendezeira (Mendes, 2021), indicando um lugar tropical. Na

sequência, vê-se uma mulher muito negra, parecida com uma escultura de ébano (Schuarcz, 2020)¹⁸, com os pés descalços e pisando em um chão de terra batida, com roupas puídas, mesmo que ocidentalizadas, e um lenço na cabeça. Seus braços e olhos estão elevados aos céus, como em agradecimento a alguma graça alcançada. O fato de não estar calçada também denota seu passado como escravizada, pois, conforme afirma Tiago Sant'Ana em seu curta *Ao Rés do Chão*, pessoas escravizadas dificilmente portavam calçados. Após a abolição da escravatura no Brasil, muitos ex-escravizados adquiriram sapatos, no entanto não estavam acostumados às fôrmas delimitando-lhes os pés. Dessa forma, continuavam descalços, mas levando os sapatos a tiracolo¹⁹.



Figura 4: Cena do Vídeo *Ao Rés do Chão*, de Tiago Sant'ana

Ao Rés do Chão significa o pavimento térreo de uma casa ao nível da rua. O vídeo foi gravado no Museu de Arte da Bahia, imprimindo uma atmosfera do passado colonial presente na arquitetura e na história do museu. O prédio que hoje abriga o museu foi o palacete de José Cerqueira Lima, um dos maiores escravocratas da Bahia (Muniz, 2020).

Voltando à tela de Modesto Brocos, mais ao centro observamos uma mulher negra de pele mais clara, com roupas simples, porém bem cuidadas. Seus cabelos estão cuidadosamente presos em um coque. Vemos que seus pés estão calçados e o chão é em parte de terra batida e em parte pavimentado. Sua mão direita aponta para a mulher negra retinta, provavelmente sua mãe e avó da criança que está em seu colo. Em sua mão esquerda, há uma

¹⁸ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v3mtwEoBZJM>

¹⁹ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Cn4gtPqWLg0>

grossa aliança de casamento cristão, denotando que a criança que segura não é bastarda ou fruto do pecado, mas um filho legítimo.

A criança no colo da mulher ao centro da tela é a figura mais branca desse quadro, seus cabelos são lisos e seus olhos são azuis. Sua mão direita está representada como uma mão grega, uma tipologia de Cristo. Mão que abençoa a avó. A mão esquerda segura uma laranja, um fruto tropical, que, assim como a palmeira/dendezeira, faz menção novamente ao Brasil.

Mais à direita, sentado à soleira da porta, está um homem também branco. O tom claro de sua pele contrasta com o fundo escuro do interior da casa. As roupas, que secam no varal dentro da casa, passam a impressão de que esse homem está mais próximo do que é limpo. Além disso, ele está usando chinelos e está sobre um chão totalmente pavimentado. Ele olha de forma orgulhosa para o menino, seu filho. O orgulho também pode ser devido a seu feito maior: libertar os descendentes da ex-escravizada da maldição imposta aos descendentes de Cam. Como afirma Mendes (2021), sob o olhar do branco colonizador, a criança-promessa é o ponto de chegada e não o de partida.

Interessante pensar que na mostra fotográfica de Fifi Tong, denominada Origem – Retratos de Família no Brasil, de 2009, está registrada uma família interracial, com o bisavô preto, o avô negro de pele escura, o pai negro de pele clara e a neta branca. A política de branqueamento continua operando na família brasileira inter-racial.

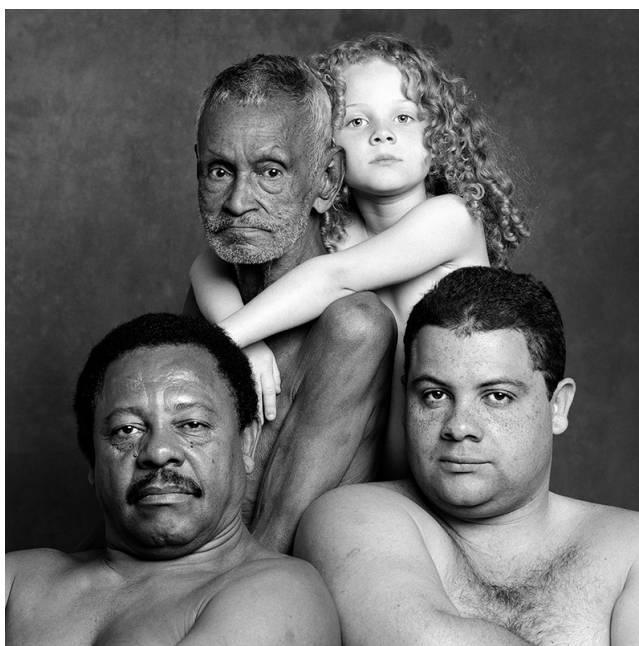


Figura 5: Origem – Retratos de Família no Brasil. Fonte: Mostra de Fifi Tong apresenta uma viagem genética pela fotografia²⁰

Apesar da força imagética dessas duas obras que remetem ao branqueamento da população brasileira, Mendes (2021) propõe uma nova leitura da tela *A Redenção de Cam*. Se na visão brancocêntrica o bebê é o símbolo da redenção da raça e de sua ancestralidade, um olhar afrocentrado perceberá que o menino fita sua avó. A criança tem as costas voltadas para sua herança branca, alva como a neve, e tem sua atenção voltada para a figura da mulher preta retinta posicionada ao lado do dendezeiro, apontada por sua mãe. Percebe-se nessa imagem uma Sankofa. O menino-promessa, que tem em sua mão esquerda uma laranja, é a Sankofa presente na obra.

De acordo com Fernanda Maiato-Chagas (2021), Sankofa é um dos adinkra, conjunto de ideogramas que compõem a escrita dos povos Akan da África Ocidental. Significa que nunca é tarde para voltar e recolher o que ficou para trás. Fala sobre a necessidade de ouvir o passado e o que ele habita para ressignificar o presente e, assim, forjar futuros possíveis.



Figura 8: Sankofa - Fonte: <https://www.adinkrabrand.com/sankofa-bird/>

Seguindo os escritos de Mendes (2021) para pensar e construir o futuro semeado no presente, é necessário o retorno, a valorização e o reconhecimento das raízes. Cultivando raízes fortes, um povo, comunidade, ou uma nação podem verdadeiramente caminhar rumo ao progresso de maneira próspera e justa. Desse modo, precisamos retornar à *Redenção de Cam* e enxergarmos a avó não mais inferiorizada e destinada ao esquecimento, mas como alguém ativa, cuja existência deva ser celebrada.

²⁰ Disponível em

<https://www.margs.rs.gov.br/midia/mostra-de-fifi-tong-apresenta-uma-viagem-genetica-pela-fotografia/>

Reflexões Finais

Esse trabalho de conclusão de curso foi um processo de recuperar histórias. A maioria delas, histórias de dor, dessas dores que parecem rasgar a carne e a alma. Nesse percurso, senti saudades de meu avô, de suas irmãs e irmãos que sequer cheguei a conhecer. Conversar com minha mãe sobre seu pai, suas tias e tios, fez com que eu me sentisse pertencente a essas histórias e a essa parte da família que tão pouco se falava.

A foto de casamento de meus avós, só a vi depois de adulta e muitos anos após a morte de minha avó. Agora, olhando aquela foto, vejo dois estrangeiros que se encontram nessas terras desse país chamado Brasil. A família italiana de minha avó chega aqui buscando uma vida melhor. Entretanto, os antepassados de meu avô foram raptados, trazidos para cá, forçados a trabalhar sem receber o devido pagamento por construir esse país. País construído pela usurpação de vidas negras e indígenas.

E pensar que todo o sofrimento imposto a negros e negras tinham o respaldo religioso cristão! Um mapa-múndi, o *Terrarum Orbis*, elaborado pelo bispo católico Isidoro de Sevilha, a fim de justificar a escravização dos povos de África e a pretensa superioridade dos europeus. A História Ocidental não é nada bonita e não deveria trazer orgulho a ninguém.

De acordo com Maria Aparecida Bento (2014), o branqueamento no Brasil é considerado um problema do negro, que, rejeitando sua racialidade, identifica-se como branco miscegenando-se para que suas características raciais sejam diluídas. O branco aparece apenas como modelo universal de humanidade, sendo objeto de inveja e do desejo de grupos raciais não brancos.

A autora aponta, entretanto, que o branqueamento foi um método inventado e mantido pela elite branca brasileira. Essa mesma elite que alega que o branqueamento é um problema do negro brasileiro (Bento, 2014).

Schucman (2018) afirma que todas as vezes em que anuncia o tema de sua pesquisa sobre famílias inter-raciais em lugares públicos, alguma pessoa a procura para relatar o racismo sofrido em família. A autora constata uma zona de silêncio sendo interrompida, bem como uma demanda por informações sobre como trabalhar o racismo sofrido na família.

Há uma necessidade de que esse tema seja abordado de forma mais sistemática, principalmente na atuação da psicóloga e do psicólogo. Afinal, se segundo o censo de 2010, 31% dos casamentos brasileiros eram inter-raciais, o racismo no interior das famílias não pode ser desconsiderado.

Analizando a tela A Redenção de Cam, de Modesto Brocos, vemos um projeto de nação onde o homem negro é apagado²¹ e a mulher negra é branqueada através da miscigenação, chegando finalmente ao menino branco de olhos azuis. Schucman (2018) evidencia em sua pesquisa sobre famílias inter-raciais que muitas vezes o membro negro da família é apagado.

Mendes (2021) ressignifica a presença negra no quadro, mostrando a Sankofa presente: o menino está de costas para sua herança branca, representada pelo pai, e fita seu olhar em sua avó negra. Essa interpretação só foi possível ser feita porque a autora tem uma episteme diferente da episteme brancocentrada. Pela perspectiva brancocêntrica, haveria uma dificuldade em tecer teorias a partir da experiência de ser negro e negra. Isso porque as existências negras não seriam suficientemente complexas para serem merecedoras de serem estudadas de forma aprimorada (hooks, 2019, p.32).

Mendes (2021) menciona a música Maracatu do meu avô, de Nei Lopes e Leonardo Bruno. Nessa música é contada a história de um avô africano, ferreiro de Ogum e conhecedor de Ifá, que é um saber iniciático, um sistema de comunicação com o sagrado em torno do qual determinadas religiões de matrizes africanas se desenvolveram na diáspora.

Como neste trabalho, propus-me a contar histórias, decidi terminar este Trabalho de Conclusão de Curso com a história cantada por Alcione, transcrevendo a letra de Maracatu de meu Avô. Lorraine Pinheiro Mendes (2021) já utilizou essa linda canção para homenagear seu avô negro, sua ancestralidade africana. Do meu lugar de fala/escrevivência, subjetivada no discurso religioso adventista, escuto, sinto essa canção como um novo hino. Essa letra não se refere a lavar-se no sangue de Cristo para se tornar alvo como a neve. Também não fala de vestes brancas, mas, segundo Mendes (2021), conta a história de um homem importante e ativo. Apesar de ter sido barganhado e trazido contra sua vontade para terras estranhas, seus netos cantam cheios de orgulho: “meu avô não foi qualquer um”.

²¹Encontrado em <https://www.youtube.com/watch?v=EX8d3eAmZjo&t=654s>

Maracatu do Meu Avô²²Fonte: [Musixmatch](#)

Compositores: Nei Braz Lopes / Leonardo Bruno Ferreira

Meu avô nasceu onde o sol morre
 E se afoga em fogo em pleno mar
 Onde o vento Harmattan que vem do norte
 Cospe rubras fagulhas pelo ar
 Meu avô tinha o ofício de ferreiro
 E que mexe na forja é Ogum
 E nascendo ferreiro foi guerreiro

Meu avô não foi qualquer um
 Não foi qualquer um
 Não foi qualquer um
 Não foi qualquer um
 Não foi qualquer um

Uma noite no Golfo de Benin
 Galeotas, galeras, galeões
 Desembarcaram mercadore
 Corsários, nautas e canhões
 Vinham em busca do ouro Ashanti
 Simulando interesse ter nenhum
 Meu avô olhou dentro dos meus olhos

Meu avô não foi qualquer um
 Não foi qualquer um
 Não foi qualquer um
 Não foi qualquer um
 Não foi qualquer um

Meu avô descobriu pros navegantes
 Os dosséis do Songhai e do Mali
 E lhes presenteou com sua alma
 Entalhada em ébano e marfim
 Revelou lindos bronzes do Ifê
 E a grandeza infinita de Olorum
 Meu avô conversava com Ifá

Meu avô não foi qualquer um
 Não foi qualquer um (4 x)

Mas um dia esse avô foi barganhado
 Por um bacamarte de metal
 Três alfanjes, um chapéu rendado
 Uma duas fiadas de coral
 Mais um rolo de folhas de tabaco
 Seis retalhos e três galões de rum
 Isso e mais vinte e três lenços de linho

Meu avô não foi qualquer um
 Não foi qualquer um
 Não foi qualquer um
 Não foi qualquer um
 Não foi qualquer um

²² Música interpretada por Alcione em Almas & Corações, 1983 BMG BRASIL LTDA.
<https://www.youtube.com/watch?v=aLRJcYlbHIU>

Referências

BATISTA, Alisson Ferreira. Trajetos e percursos: das (im)possibilidades de enfrentamento do racismo dentro da academia. 2016. 38f. TCC (Graduação) – Curso de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 25-58.

CARNEIRO, Sueli. Negros de pele clara. Correio Brasiliense, 2004. Disponível em <https://www.geledes.org.br/negros-de-pele-clara-por-sueli-carneiro/#> Acessado em 20 de agosto de 2022.

CHAGAS, Fernanda Maiato. Necropolítica e a História da Cor do Céu da Minha Pele. 2021. 70f. TCC (Graduação) – Curso de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

EVARISTO, Conceição. Becos da memória. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: Edufba, 2008.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: RIOS, Flávia; LIMA Márcia. (Org.). Por um feminismo Afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 75-93.

HOOKS, bell. Olhares negros: raça e representação. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

IVO, I. P.; JESUS, J. R. G. Escravidão, negros africanos e Santo Isidoro de Sevilla. Dimensões, v. 43, jul.-dez. 2019, p. 28-62. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/28316/20176>. Acesso em: 03 out. 2022.

LUCAS, Kleber. O canto forasteiro. O hinário batista Cantor Cristão e questões de racialidades no Brasil do século XIX e XX. São Paulo: Editora Recriar, 2021.

MENDES, Lorraine Pinheiro. Meu avô não foi qualquer um. Sankofa em A Redenção de Cam, Faces do Clio, n.13, vol. 7, 2021.

MUNIZ, Leandro. Ao Rés do Chão, de Tiago Sant'Ana. Revista Select Art VOL 09, Nº 47, JUN/JUL/AGO 2020. Disponível em <https://www.select.art.br/ao-res-do-chao-de-tiago-santana/> Acessado em: 8 de agosto de 2022.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista, (2017). Cor e inconsciente. O Racismo e o Negro no Brasil - Questões para a Psicanálise, pp. 122-123. Organizadoras: Kon, Noemi Moritz; Silva, Maria Lúcia da; Abud, Cristiane Curi. 1º edição, Editora Perspectiva LTDA, São Paulo, SP.

PINHEIRO, Lorraine Mendes. Meu avô não foi qualquer um. Sankofa em a Redenção de Cam. Revista Faces de Clio ISSN 2359- 4489 Vol. 7 | N. 13 | jan./ jul. 2021

REMENCHE, M. de L. R.; SIPPEL, J. A ESCREVIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO COMO RECONSTRUÇÃO DO TECIDO DA MEMÓRIA BRASILEIRA. Cadernos de Linguagem e Sociedade, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 36–51, 2019. DOI: 10.26512/les.v20i2.23381. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/23381>. Acesso em: 3 out. 2022.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Entre o encardido, o branco e o branquíssimo. Tese (Doutorado - Programa de Pós-graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. 2012 160f. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-21052012-154521/publico/schucman_corrigida.pdf Acessado em 31 de jul. de 2022.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Famílias inter-raciais. Tensões entre o amor e a cor. Salvador: Edufba, 2018.

SCHUCMAN, L. V.; GONÇALVES, M. M. Racismo na Família e a Construção da Negritude: Embates e Limites entre a Degradação e a Positivização na Constituição do Sujeito.

ODEERE, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 61-83, 2017. DOI: 10.22481/odeere.v0i4.2366. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/2366>. Acesso em: 3 out. 2022.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 17, n. 39, p. 203-219, ago. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000200002&lng=pt&nrm=iso>. acessado em 22 set. 2022.

WHITE, Ellen G., O Arauto do Evangelho, 01 de março de 1901, parágrafo 20. Disponível em <https://m.egwwritings.org/en/book/503.228#250> Acessado em 20 de ago. de 2022.

WHITE, Ellen G. Primeiros escritos. Terceira edição. Tradução de Carlos A. Trezza. Casa publicadora Brasileira, Tatuí - SP, 1988.

Referências Videográficas

▶ Ao Rés do Chão, de Tiago Sant'ana Ao Rés do Chão, de Tiago Sant'ana

<https://www.youtube.com/watch?v=Cn4gtPqWLg0>

▶ Como refutar falas fundamentalistas? André Leonardo Chevitaese (Canal no Youtube)

<https://www.youtube.com/watch?v=baL8sO-ILhk&t=1047s> 8' 13"

▶ Ler Imagens | A Redenção de Cam, de Modesto Brocos Lilia Schwarcz (pintura de ébano)

<https://www.youtube.com/watch?v=v3mtwEoBZJM>

▶ Maracatu do Meu Avô Alcione - Maracatu do Meu Avô

<https://www.youtube.com/watch?v=aLRJcYIbHIU>

▶ Meu avô não foi qualquer um - Sankofa em A Redenção de Cam | Lorraine Pinheiro M...

Meu avô não foi qualquer um - Lorraine Pinheiro Mendes

<https://www.youtube.com/watch?v=EX8d3eAmZjo&t=8s>

▶ Religare - Conhecimento e Religião sobre o canto forasteiro Flávio Senra entrevista

Kleber Lucas <https://www.youtube.com/watch?v=y3agt1yHpl8>

▶ X CILCO LECO/UERJ X Congresso de Letras Clássicas e Orientais - UERJ

<https://www.youtube.com/watch?v=j8j74D73keg&t=15s>